

# OS REGISTOS DE SANTOS NA AZULEJARIA DE FACHADA DE VILA DO CONDE

GUSTAVO DUARTE VASCONCELOS\*

**Resumo:** A tradição de pintar figuras religiosas sobre azulejos surgiu em Portugal no século XVI, devendo-se este facto à inovadora técnica da majólica. Na transição do século XVII para o XVIII surgiram nas fachadas portuguesas alguns painéis cerâmicos de caráter devocional aos quais se atribuiu a designação de registos de santos. Estes são formados por vários azulejos, que justapostos originam uma composição.

Este fenómeno também se manifestou na cidade de Vila do Conde, onde foram inventariados cerca de cinquenta registos de santos. Neste trabalho procuramos estabelecer tipologias, determinar as fábricas e/ou os autores e sugerir datações para os registos inventariados.

**Palavras-chave:** Vila do Conde; Azulejaria, Registos de Santos; Pintura.

**Abstract:** The tradition of painting religious figures on tiles emerged in Portugal in the sixteenth century, due to the innovative technique of majolica. In the transition from the seventeenth to the eighteenth century, some ceramic panels showing devotional characters appeared in the Portuguese facades, called *registos de santos*. These are constituted by several tiles, that when combined give rise to a composition.

This phenomenon was also manifested in the city of Vila do Conde, where about fifty of these structures were inventoried. In this work we try to establish typologies, determine the factories and/or authors and suggest dates for the inventoried panels.

**Keywords:** Vila do Conde; Tiles, *Registos de Santos*; Painting.

---

\* Mestrando em História da Arte Portuguesa. [gustavvasconcelos@gmail.com](mailto:gustavvasconcelos@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Os registos de santos são pequenos painéis cerâmicos onde figuram, na maioria dos casos, conhecidas imagens da religiosidade católica. Estas representações foram durante longos anos designadas de diversas formas, até que se convencionou denomina-las de registos de santos. Os painéis são constituídos por um restrito número de azulejos, que justapostos originam uma cena. Estas realizações são essencialmente compostas por dois elementos, o núcleo, que acolhe a representação de uma ou mais divindades, e a cercadura, que as circunscreve. A maior parte dos painéis devocionais possui na parte inferior uma pequena cartela, na qual constam preciosos informes sobre os azulejos, como por exemplo o nome da divindade representada e o ano de execução do painel<sup>1</sup>.

O estudo que agora se apresenta faz parte de uma investigação bastante mais dilatada, que procurou estudar a azulejaria de fachada de Vila do Conde. Um dos objetivos do trabalho era compreender se na cidade existiam registos de santos coevos aos primeiros painéis de Lisboa. Uma vez que tal não se verificou houve a necessidade de se estabelecerem limites cronológicos e físicos. Assim, inicialmente limitamo-nos a estudar os painéis que eventualmente pudessem ter sido produzidos entre o século XIX e as primeiras décadas da centúria passada. No que concerne à área geográfica, foi essencialmente examinada a que circunscreve a freguesia urbana de Vila do Conde.

Todavia, no caso específico dos registos houve a necessidade de nos adaptarmos às circunstâncias, pois raros são os que se encontram datados. Por isso mesmo os registos localizados na área urbana da cidade foram todos inventariados. Também foram feitas prospeções nas Caxinas, uma zona da cidade localizada a norte que ocupa grande parte da corda litoral. Ali foi encontrado um significativo número de registos, embora a maioria seja de produção recente. Assim, dessa zona somente foram contabilizados os registos localizados em três ruas: a Avenida do Infante D. Henrique, a Avenida do Dr. Carlos Pinto Ferreira e a Rua de Alfredo Bastos. Esta opção foi tida em conta, pois constatamos que nestas artérias existem algumas casas antigas, onde constam interessantes painéis devocionais, podendo a sua cronologia coincidir com a dos edifícios.

Deste modo, propusemo-nos identificar, inventariar e categorizar os vários tipos de registos de santos vila-condenses. Para tal foi feito o registo fotográfico dos painéis e das construções onde estão inseridos, de modo a evidenciar o seu contexto arquitetónico. Seguiu-se a análise pormenorizada dos registos – figuras, motivos decorativos, datas, fábricas ou autores. Por fim, recorreremos ao Arquivo

---

<sup>1</sup> VELOSO & ALMASQUÉ, 1991: 34.

Municipal de Vila do Conde (Projetos de Obras Particulares<sup>2</sup>), de modo a obter a cronologia das edificações onde constam estes painéis cerâmicos.

## OS REGISTOS DE SANTOS EM PORTUGAL

A representação de figuras sagradas sobre uma superfície cerâmica surgiu em Portugal no século XVI. Deve-se a origem desta prática a Francisco Niculoso, artista italiano que introduziu a técnica da majólica na Península Ibérica. Esta inovação permitiu a pintura sobre superfícies cerâmicas vidradas, uma vez que as diferentes cores utilizadas não se misturavam durante o processo de cozedura das peças. A época em questão ficou então marcada pela gradual produção de painéis figurativos, dedicando-se Francisco Niculoso e o português Francisco de Matos à pintura desta temática<sup>3</sup>.

No século XVII este género de representação adquiriu grande relevo. Eram então preferencialmente pintados temas marianos e hagiográficos, sendo os painéis figurativos conjugados com azulejos de padrão. Esta concomitância deu origem a uma nova tipologia azulejar – os tapetes cerâmicos, que ornamentavam exclusivamente os interiores arquitetónicos<sup>4</sup>.

Todavia, na transição do século XVII para o século XVIII, emergiram nas fachadas portuguesas pequenos painéis cerâmicos com características devocionais, os quais receberam posteriormente a denominação de registos de santos<sup>5</sup>. Este fenómeno obteve grande difusão entre as camadas sociais ditas populares. Dentro deste grupo social muitos foram os que dedicaram um pequeno espaço da fachada das habitações para a afixação de um painel devocional<sup>6</sup>. Por norma, os registos de santos eram colocados entre os vãos de iluminação, podendo também encimar a porta da habitação, ou em casos menos comuns, enquadrados em frontões<sup>7</sup>.

A maioria destas representações caracteriza-se pelo desprimor artístico, pois, como já foi referido, muitos dos seus encomendantes eram indivíduos de uma condição modesta. Este facto pode também estar relacionado com a inaptidão dos artífices ou por se encontrarem numa fase incipiente da carreira. Até mesmo os

<sup>2</sup> Somente foram analisados alguns projetos de obras particulares, pois uma grande parte da documentação, à época da investigação, ainda não se encontrava tratada arquivisticamente.

<sup>3</sup> VELOSO & ALMASQUÉ, 1991: 32.

<sup>4</sup> VELOSO & ALMASQUÉ, 1991: 32.

<sup>5</sup> VELOSO & ALMASQUÉ, 1991: 33.

<sup>6</sup> VELOSO & ALMASQUÉ, 1991: 33.

<sup>7</sup> MECO, 1989: 173.

registos de grande qualidade artística não são atribuídos aos grandes mestres da pintura, uma vez que nenhum dos painéis cerâmicos foi assinado<sup>8</sup>.

As origens ideológicas destas representações estão intimamente relacionadas com as dos *ex-votos*, através dos quais se consumavam promessas. Também o seu carácter apotropaico produziu grande impacto na sociedade portuguesa, crendo-se que as casas e as pessoas que nelas habitavam ficariam protegidas, principalmente contra fenómenos climáticos como terremotos<sup>9</sup> ou incêndios, que não raras vezes deflagravam nos aglomerados urbanos<sup>10</sup>. Um bom exemplo desta circunstância é a representação de Santo António. Esta personagem, bastante cultuada no século XVIII, era conotada com a proteção dos lares e da família, figurando por isso mesmo em muitos painéis cerâmicos setecentistas<sup>11</sup>.

A evolução do tempo fez-se acompanhar de mutações estilísticas, sofrendo os registos de santos ligeiras alterações, tal como se verificou na azulejaria em geral. Os registos do século XVII, bastante raros, caracterizam-se pela policromia e formato retangular, enquanto que no século XVIII predominam painéis em tons de azul sobre fundo branco. A configuração das cercaduras também se alterou, ganhando complexidade à medida que as formas regulares se dissipavam. A partir da década de 1760 tornou-se frequente a pintura destes painéis com recurso a uma gama mais alargada de cores, como o amarelo, o verde e o roxo, aspeto transversal à restante azulejaria nacional. Foi também nesse período que as molduras ganharam novos motivos decorativos, passando a ser ornamentadas com elementos caros à linguagem rococó<sup>12</sup>, como por exemplo folhagens, enrolamentos e concheados. Já entre o final de setecentos e o início de oitocentos, os registos de santos aproximaram-se da gramática neoclássica, sendo os núcleos pintados com tonalidades azuis sobre fundo branco e as cercaduras com diversas cores<sup>13</sup>.

Na primeira metade do século XIX a azulejaria portuguesa presenciou um conturbado período quando Portugal vivenciou uma crise sociopolítica, a que os registos de santos não passaram incólumes. Contudo, em finais de oitocentos reavivou-se esta manifestação de pendor popular, prolongando-se esse fulgor no decorrer do século XX, principalmente nos meios suburbanos<sup>14</sup> como é o caso de

<sup>8</sup> VELOSO & ALMASQUÉ, 1991: 33 e 34.

<sup>9</sup> O terramoto de 1755 originou um grande incêndio na capital portuguesa, perdurando durante vários dias. Este fenómeno certamente exacerbou a veneração de S. Marçal, advogado contra os incêndios. A partir da data em questão emergiram nas fachadas lisboetas muitos registos, bem como no interior das novas construções pombalinas, figurando em muitos desses painéis a representação do referido santo.

<sup>10</sup> VELOSO & ALMASQUÉ, 1991: 33.

<sup>11</sup> MECO, 1989: 174.

<sup>12</sup> VELOSO & ALMASQUÉ, 1991: 34.

<sup>13</sup> MECO, 1985: 74.

<sup>14</sup> VELOSO & ALMASQUÉ, 1991: 37 e 39.



Fig. 1. Registo de santo integrado na fachada da casa n.º 234 da Rua de Alfredo Bastos. O painel, produzido pela Fábrica do Carvalhinho (Vila Nova de Gaia), representa a Sagrada Família. Fotografia do autor.



Fig. 2. Registo de santo integrado na fachada da casa n.º 176 da Rua do Dr. Elias de Aguiar. O painel, realizado pela Fábrica Aleluia (Aveiro), representa Nossa Senhora da Conceição. Fotografia do autor.

Vila do Conde. Um fenómeno que consolidou os registos de santos na centúria passada foi a aparição de Nossa Senhora em Fátima, constituindo-se uma nova temática representativa. A partir dessa fase multiplicaram-se os registos com a representação da Virgem com essa invocação<sup>15</sup>.

## OS REGISTOS DE SANTOS DE VILA DO CONDE

Na cidade de Vila do Conde foram inventariados cinquenta e três registos de santos, sendo todos presumivelmente do século XX. Obter a sua cronologia exata é uma tarefa difícil, uma vez que raros são os que se encontram datados. Contudo, muitas das edificações onde estão integrados são de finais do século XIX ou das primeiras décadas do século XX, o que de certa forma limita a cronologia dos painéis.

<sup>15</sup> VELOSO & ALMASQUÉ, 1991: 39.

Estilisticamente predominam duas tipologias: a primeira inspirada na azulejaria barroca azul e branca (Fig. 1), enquanto a segunda procurou imbuir-se da linguagem rococó (Fig. 2). Os registos integralmente azuis e brancos possuem, na maioria dos casos, formato retangular, havendo quatro exemplares que apresentam uma forma irregular. Quanto às cercaduras que envolvem as imagens nalguns casos funcionam meramente como frisos, havendo outros exemplares onde as molduras são muito mais ricas e ornamentadas.

Uma grande parte dos painéis de pendor rococó caracteriza-se pelo formato ovalado, sendo os seus limites irregulares, uma vez que a ornamentação composta por motivos concheados e vegetalistas confere aos registos uma configuração mais dinâmica. Todavia, também existem alguns exemplares de formato retangular. No que respeita às tonalidades, a maioria dos painéis apresenta núcleos em tons de azul e branco e cercaduras policromas. Existem somente dois exemplares onde quer o centro, quer a cercadura receberam diversas tonalidades. Um facto interessante é o de este tipo de painéis ter sido amplamente produzido pela Fábrica Aleluia (Aveiro), conforme nos afixam as inscrições presentes nos azulejos.

Existe ainda um género de registos que exprime composições mais livres e espontâneas, pois foram produzidos por artífices amadores ou por indústrias sem tradição neste tipo de trabalhos. Estas representações são facilmente reconhecidas, caracterizando-se sobretudo pelo formato retangular dos painéis e pela predominância de policromia.

Dos cinquenta e três registos inventariados, vinte e três foram produzidos por indústrias nacionais, dez por autores independentes, e dois em que a identificação não foi possível apurar, apesar de ambos conterem a seguinte inscrição: *VISTAL, COIMBRA*. A fábrica mais representada em Vila do Conde é a Aleluia (Aveiro) com dezoito painéis, seguindo-se a Fábrica do Carvalhinho (Vila Nova de Gaia) com somente dois, estando identificadas com apenas um painel as fábricas Lusitânia (Coimbra), Lufapo (Coimbra), do Cavaco (Vila Nova de Gaia) e de Valentes (Devezas). Quanto aos dez registos de autor, seis foram realizados por dois pintores monografistas, dos quais quatro por *J. F. O.* e dois por *SER.M.AS.*, estes últimos datados de 1963 e 1969. Os restantes quatro foram concebidos por Margarida Costa (1922), O Alcobça (1939), Nelson Cruz e Francisco Cunha (d'arte).

O mais interessante e talvez o mais antigo registo de santo de autor encontra-se integrado na casa n.º 278 da Rua de Estêvão Soares, projetada em 1914<sup>16</sup>. O painel (Fig. 3) foi pintado em tons de azul sobre fundo branco e representa S. Cristóvão, constando no canto inferior esquerdo a assinatura da autora, bem como a data: Margarida Costa – 1922. Este registo é bastante curioso, pois foi executado por

<sup>16</sup> AMVC – *Obras e urbanismo. Obras particulares*, caixa n.º 2676.

uma pintora relativamente famosa do circuito artístico portuense. Margarida Costa (1881-1937) nasceu numa família de artistas, sendo o pai, Júlio Costa (1853-1923), bem como o tio-avô, António José da Costa (1840-1929), conhecidos pintores da cidade do Porto<sup>17</sup>. Para além dos ensinamentos familiares, Margarida Costa frequentou as Belas Artes, casando-se em 1901<sup>18</sup> com o também artista José da Maia Romão Júnior (1878-1949), o que provavelmente a fez interromper os estudos<sup>19</sup>. A artista foi uma «das mais reputadas pintoras de flores»<sup>20</sup>, encontrando-se esta característica patente no registo de santo pintado pela autora para a casa da Rua de Estêvão Soares. A cena principal é envolvida por uma cercadura repleta de flores, provavelmente camélias, não fossem estas as flores favoritas do tio-avô da pintora, de quem certamente recebeu preciosas lições<sup>21</sup>.

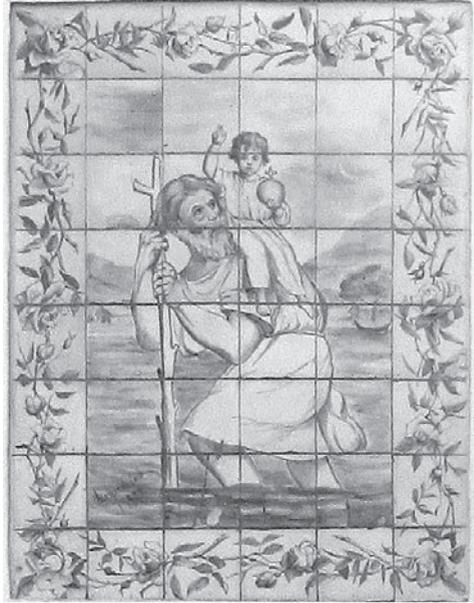


Fig. 3. Registo de santo afixado na fachada da casa n.º 278 da Rua de Estêvão Soares. O painel, pintado por Margarida Costa em 1922, representa S. Cristóvão.

Fotografia do autor.

Quanto às figuras sagradas mais representadas nos painéis vila-condenses, evidencia-se a de Nossa Senhora com catorze exemplares; seguindo-se-lhe a de Cristo com dez; a de S. José com nove; e a de Santo António com oito representações. Sendo as temáticas mariana e cristológica bastante diversificadas, elencamos as diferentes representações vila-condenses. Dos catorze painéis sobre a invocação da Virgem, cinco são da Imaculada Conceição; três de Nossa Senhora de Fátima; dois de Nossa Senhora do Sameiro, tal como os do Sagrado Coração de Maria; e apenas um painel de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora de Lourdes. Quanto às dez representações de invocação cristológica, destaca-se a figura do Sagrado Coração de Jesus em seis registos, constando em dois painéis a imagem de Nosso Senhor na Agonia e unicamente num painel a representação do Bom Pastor, assim como uma composição livre alusiva a Cristo.

<sup>17</sup> MOURATO, 2011: 141.

<sup>18</sup> MOURATO, 2011: 146.

<sup>19</sup> MOURATO, 2011: 147.

<sup>20</sup> MOURATO, 2011: 141.

<sup>21</sup> MOURATO, 2011: 147.



Fig. 4. Registo de Santo enquadrado na platibanda da casa n.º 170 da Rua de Alfredo Bastos. Painel representativo de Nossa Senhora do Sameiro produzido pela Fábrica Aleluia (Aveiro). Fotografia do autor.



Fig. 5. Registo de santo enquadrado entre os vãos de iluminação do piso superior da casa n.º 278 da Rua de Estêvão Soares. Painel representativo de S. Cristóvão pintado em 1922 por Margarida Costa. Fotografia do autor.

Entre os quarenta e oito edifícios em que os alçados têm pelo menos um registo de santo, quinze são térreos, enquanto trinta e três são sobradados. Em construções de um só piso os painéis encontram-se sobretudo na platibanda que remata a edificação (Fig. 4), sendo inventariados nove registos nesse contexto. Dos restantes seis, um encontra-se sob o alpendre; outro no alçado lateral da edificação; dois na parte central da fachada, sobre os vãos; e outros dois entre os vãos de iluminação. Quanto aos registos presentes em edifícios com mais de um pavimento, vinte estão entre os vãos do primeiro andar (Fig. 5); seis entre os vãos do piso térreo e do subsequente; quatro no alçado lateral; encontrando-se os restantes três na platibanda, no alçado posterior da casa, e entre os vãos do rés-do-chão.

## CONCLUSÃO

Todos os registos de santos vila-condenses são presumivelmente do século XX, sendo escassos os exemplares datados. Contudo, grande parte dos painéis possui inscrições que identificam os seus autores ou as fábricas que os produziram.

Estilisticamente, predominam duas tipologias: a primeira inspirada na azulejaria barroca azul e branca, enquanto a segunda deixou-se sugerir pela linguagem rococó. Existe ainda um outro tipo de registos, cujas composições são mais livres e simples, sendo fruto de produções amadoras ou totalmente industrializadas.

A relação entre os registos e as arquiteturas nas quais estão inseridos é curiosa, uma vez que muitos estão presentes em casas de cariz popular, desprovidas na maioria dos casos de qualidade arquitetónica. Em casas com um só pavimento os registos localizam-se sobretudo na platibanda, já em construções com mais pisos, os painéis localizam-se maioritariamente entre os vãos de iluminação do andar superior.

Apesar de ainda pouco valorizados, os registos de santos fazem parte da cultura portuguesa, sendo um testemunho vivo das devoções mais populares. Este trabalho procurou, acima de tudo, preservar a memória destes objetos de cunho artístico-popular, estando muitos na iminência de desaparecer. Para que tal não suceda é necessário sensibilizar as populações, bem como as várias entidades competentes, para que se proceda à conservação e à salvaguarda deste importante património.

## FONTES

ARQUIVO MUNICIPAL DE VILA DO CONDE – *Obras e urbanismo. Obras particulares*. Nº 2676 a 2678 (1876-1949).

## BIBLIOGRAFIA

- MECO, José (1985) – *Azulejaria Portuguesa*. Lisboa: Bertrand.
- (1989) – *O Azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa.
- MOURATO, António (2011) – *A família Costa e a Santa Casa da Misericórdia do Porto*. In ALVES, Natália Marinho Ferreira, coord. – *A Misericórdia de Vila Real e as Misericórdias no Mundo de Expressão Portuguesa*. Porto: CEPESSE, pp. 141-162. Disponível em <<http://www.cepesepublicacoes.pt/portal/pt/obras/a-misericordia-de-vila-real-e-as-misericordias-no-mundo-de-expressao-portuguesa>>. [Consulta realizada em 18/04/2016].
- VELOSO, A. J. Barros; ALMASQUÉ, Isabel (1991) – *Azulejaria de Exterior em Portugal*. Lisboa: Inapa.

